

# A BIOGRAFIA COMO PROBLEMA COMUNICACIONAL

■ GUSTAVO SILVA

 <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

Universidade de Brasília

## RESUMO

Este artigo visa discutir o tema da biografia comunicacional a partir do método de complexidade. A questão da biografia no Brasil é apresentada e problematizada mediante recortes estruturados por conteúdos históricos, narrativos, midiáticos e dos campos do imaginário. Aprofundamos, em particular, os vínculos que o jornalismo mantém tradicionalmente com o tema biográfico, com interesse especial nas metodologias utilizadas. Por meio de revisão bibliográfica, realizamos estudo que se pretende crítico-hermenêutico e nossas conclusões apontam para necessidade de aprofundamento na temática da complexidade e de ampliação dos estudos biográficos no campo da comunicação.

**Palavras-chaves:** Comunicação. Biografia. Complexidade. Jornalismo.

## ABSTRACT

### BIOGRAPHY AS A COMMUNICATION PROBLEM

This article intends to discuss and deepen the theme of communicational biography from the method of complexity. The issue of Brazilian biographism is presented and problematized through clippings structured by historical, narrative, media and imaginary fields. In particular, we delve deeper into the links that journalism traditionally maintains with the biographical theme, with a special interest in the methodologies used. Through a bibliographic review, we carried out a study that is intended to be critical-hermeneutic and our conclusions point to the need to deepen the theme of complexity and to expand biographical studies in the field of communication.

**Keywords:** Communication. Biography. Complexity. Journalism.

## RESUMEN

### LA BIOGRAFÍA COMO PROBLEMA DE COMUNICACIÓN

Este artículo pretende discutir y profundizar el tema de la biografía comunicacional desde el método de la complejidad. La cuestión del biografismo brasileño es presentada y problematizada a través de recortes estructurados por campos históricos, narrativos, mediáticos e imaginarios. En particular, profundizamos en los vínculos que tradicionalmente mantiene el periodismo con la temática biográfica,

con especial interés en las metodologías utilizadas. A través de una revisión bibliográfica, realizamos un estudio que pretende ser crítico-hermenéutico y nuestras conclusiones apuntan a la necesidad de profundizar el tema de la complejidad y ampliar los estudios biográficos en el campo de la comunicación.

**Palabras clave:** Comunicación. Biografía. Complejidad. Periodismo.

## Introdução

Nos dados publicados na quinta edição do Retratos da Leitura no Brasil<sup>1</sup>, pelo Instituto Pro-Livro em 2020, a biografia aparece entre os gêneros preferidos do público leitor, à frente de autoajuda e esoterismo, entre outros. Vimos com frequência ao longo dos últimos anos manchetes como “Livros de memórias e biografias autorizadas disparam em vendas”<sup>2</sup>; “Biografias puxam recuperação do mercado de livros em 2017”<sup>3</sup>; “Biografia de Edir Macedo liderou venda de livros no Brasil em 2014”<sup>4</sup>. No final de 2021, ficamos sabendo, por exemplo, que a biografia do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, escrita por Fernando Moraes, foi “o livro mais vendido do gênero na Amazon”<sup>5</sup>.

Esses dados iniciais nos ajudam a situar o tema que pretendemos abordar neste artigo. Partimos dos problemas teórico-metodológicos da pesquisa biográfica em sua relação com o campo comunicacional, em especial o papel histórico, metodológico, estilístico e crítico que o jornalismo desempenhou (e desempenha) ao longo do tempo. Outro problema que nos

interessa enfrentar é o de pensar os estudos biográficos mediante as estratégias do pensamento complexo, uma vez que tal proposta parece se adequar ao substrato transdisciplinar contido no campo biográfico. Por óbvio que tal questão não pode ser elucidada em sua plenitude nestas páginas, mas tentaremos ao menos iniciar o debate.

Sob muitos aspectos podemos dizer que a biografia segue sendo um problema comunicacional complexo. Ao longo de nossos estudos (e nos anos dedicados à prática biográfica<sup>6</sup>) fomos percebendo algumas dessas complexidades, sobretudo metodológicas, entre elas, podemos destacar: o problema da seleção do personagem escolhido e o longo debate acerca do acesso às fontes primárias; o método adequado de abordagem do percurso do biografado (sequencial, longitudinal, situacional etc); o problema narratológico e os possíveis enfoques discursivos; o problema da constituição da identidade do outro; o imaginário na ancoragem de estereótipos e na construção de imagens; a legitimidade da narrativa biográfica como lugar da memória; o problema da combinação de fato e ficção, ou de veracidade e ficção; a baixa produção de biografias intelectuais entre nós; a impossibilidade do biógrafo dominar apenas uma disciplina ou área do conhecimento.

1 Conferir: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php> Acesso em 22 de janeiro (2022)

2 <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/01/1950124-livros-de-memorias-fazem-vendas-de-biografias-disparem-no-pais.shtml?origin=folha> Acesso em 25 de janeiro (2022)

3 <https://veja.abril.com.br/coluna/meus-livros/biografias-puxam-recuperacao-do-mercado-de-livros-em-2017> Acesso em 25 de janeiro (2022)

4 <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/12/1567861-biografia-de-edir-macedo-liderou-venda-de-livros-no-brasil-em-2014.shtml> Acesso em 25 de janeiro (2022)

5 <https://revistaforum.com.br/cultura/biografia-de-lula-escrita-por-fernando-moraes-e-o-livro-mais-vendido-da-amazon/> Acesso em 22 de janeiro (2022)

6 Realizamos entre 2007 e 2011 uma pesquisa biográfica sobre a poeta paulista Orides Fontela (1940-1998), vencedora do prêmio Itaú Cultural (2013-14) e publicada com o título *O Enigma Ordes* (Hedra, 2015). Desenvolvemos em seguidas duas pesquisas: uma entre 2012 e 2022 sobre Guimarães Rosa (1908-1967) e outra iniciada em 2020 sobre Manoel de Barros (1916-2011).

Da mesma forma, podemos acrescentar o problema teórico-metodológico de como conciliar, por um lado a pesquisa biográfica e seus múltiplos procedimentos e abordagens e, por outro, como narrar e tecer a vida do sujeito ou de grupos sociais. Outro problema identificado são os poucos estudos dedicados ao enfrentamento do papel dos afetos, sentimentos e projeções do biógrafo em relação ao biografado, ou, dito de outra forma: como estruturar e apresentar as muitas emoções que marcam a existência do sujeito biografado, como situá-lo face a sua vida imaginária e os muitos papéis que desempenhou. Para iniciar o enfrentamento com alguns desses problemas, entendemos ser necessário antes fazer uma breve incursão histórica pelo biografismo brasileiro, tentando compreendê-lo a partir do campo comunicacional.

## O biografismo brasileiro

De acordo com Maria da Glória Oliveira (2011), em seus estudos sobre o fazer biográfico no Brasil durante o século XIX, o gênero cresceu inicialmente no interior da Revista do IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro). As biografias constituiriam importante perspectiva no interior do Instituto com fins não apenas históricos, mas educacionais, “servindo, acima de tudo, para instruir os brasileiros no presente” (OLIVEIRA, 2011, p. 39). Desde sua fundação, o Instituto tornou-se um espaço privilegiado à produção biográfica brasileira, assumindo, por sua vez, duas finalidades: tirar do esquecimento os grandes homens que constituíram o panteão nacional e reviver a história mediante a narração da vida de personalidades ilustres como políticos, poetas e militares.

De acordo com Oliveira (2011, p. 84), as biografias tornaram-se um instrumento indispensável à futura construção de uma História Geral do Brasil, algo que seria levado a cabo

por Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878). No Brasil, longe de constituírem um gênero homogêneo, as biografias assumiam caráter variado e abarcaram a tensão entre as exigências epistemológicas do moderno método historiográfico, as necessidades de uma finalidade pedagógica e as ideias de uma história como mestra da vida (p. 172).

O primeiro momento da presença do gênero na produção intelectual brasileira foram as primeiras cinco décadas após a criação do IHGB, em 1838.<sup>7</sup> Tolentino (2009) acredita que o segundo momento foi a partir da década de 1930. Márcia Almeida Gonçalves (2009), observou no fazer biográfico de Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), o grande momento dos debates intelectuais em torno da biografia no Brasil. Assim, a partir de 1930, os jornalistas começam a assumir a dianteira na produção biográfica, a ponto de Alceu Amoroso Lima chamar aquele momento de “epidemia biográfica”. De acordo com Gonçalves (2009, p.98) “entre as seis maiores editoras nacionais, em finais dos anos 30 e início dos 40, a história e as biografias figuraram muito próximas entre os cinco gêneros mais publicados”. O debate crítico prosseguiu nos jornais, tendo como protagonistas, além do próprio Alceu de Amoroso Lima, Álvaro Lins, Agripino Grieco, Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira e Augusto Meyer.

No campo da produção, a partir dos anos 30, o jornalista Elói Pontes publicou várias biografias com títulos curiosos: *A vida inquieta de Raul Pompéia* (1935), *A vida dramática de Euclides da Cunha* (1938), *A vida contraditória de Machado de Assis* (1939), *A vida exuberante de Olavo Bilac* (1944). De acordo com Galvão (2005, p. 364): “A série teve imenso sucesso, causou polêmicas e se manteve viva por longo tempo, à falta de outras.” Outro jornalista que se

<sup>7</sup> A autora também verifica uma diminuição da produção biográfica na Revista do IHGB a partir das últimas décadas de século XIX.

destacou no período foi Raymundo Magalhães Júnior que escreveu biografias sobre Artur Azevedo, Machado de Assis e Cruz e Sousa, e mais: *Três panfletários do Segundo Império* (1956), *Dom Pedro II e a condessa de Barral* (1956), *Deodoro – a espada contra o Império* (1957), *Rui, o homem e o mito* (1965).

Em seu ensaio sobre o “biografismo nativo”, Galvão (2005, p. 353) identificou que “traços do memorialismo e do romance-reportagem permeariam o biografismo” nacional, que teria ficado “contaminado por ambos”. Os jornalistas “ao fazerem uma biografia, cercam uma área e tratam de investigá-la minuciosamente, inventariando sua cartografia social e humana.” (Idem). Segundo Galvão, “os inícios do novo biografismo” brasileiro ocorre no final dos anos 1970, demarcado por dois traços distintos: em primeiro lugar, “as vidas ou de brasileiros ou de pessoas de interesse crucial para a história do Brasil”<sup>8</sup>; em segundo, a defesa das “causas progressistas”<sup>9</sup>. A partir daí buscou-se a “necessidade de urdir a crônica dos tempos próximos, enquanto o recuo azado à historiografia demorasse a se instalar” (GALVÃO, 2005, p. 356).

Assim, esse biografismo, que era jornalístico e não acadêmico, foi influenciado pela crônica, o memorialismo e o romance-reportagem, gêneros que tinham a vantagem de serem me-

nos sisudos do que as biografias oficiais, além do “fato de seus autores serem jornalistas”. Tal proximidade da biografia com a crônica pode estar radicado no fato da crônica ser um gênero “cujas raízes localizam-se na história e na literatura” (MELO, 2002, p. 139). Por um lado, no Brasil, ela inspira-se em textos históricos, justamente nas narrações de acontecimentos, feitas por ordem cronológica, por outro, registra fatos mesclando-os “com lendas e mitos – e a história narrativa – descrição de ocorrências extraordinárias baseadas nos princípios da verificação e da fidelidade” (Idem). Além disso, como assinala Melo, há o fato de ser um produto “predominantemente latino”.

Segundo Galvão (2005, p. 358), “a crônica de periódico tem no Brasil um prestígio que jamais alcançou em outros países”, e, em seu *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1985), Melo mostra que não existem no jornalismo inglês, alemão ou norte-americano, “correspondentes precisos” à chamada “crônica latina”. Ao fazer um levantamento do gênero em outros países, Melo não encontrou paralelos com o modelo brasileiro. Os ingleses rotulam como *action stories*, os norte-americanos de *features* ou mesmo de *glosa* alemã, os italianos de *cronaca*, os espanhóis de *crónica*, os franceses de *chronique*, a tradição anglo-saxã de *column*, no entanto, conclui ele, “(...) é preciso convir que se trata de um gênero jornalístico que assume especificidades nacionais, permeado que se acha pela subjetividade dos escritores-jornalistas” (MELO, 2002, p. 140).

Em que pese o fato de os jornalistas serem há muito tempo os grandes protagonistas do biografismo brasileiro, dominando a produção de livros, a partir de revisão sistemática da literatura que realizamos entre 1930 e 2021 na Biblioteca Nacional, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal Capes de Periódicos, podemos dizer que o mesmo não se reflete no campo dos estudos

8 Em seu estudo, Galvão elaborou um levantamento dos personagens mais biografados no Brasil, são eles pertencentes aos seguintes universos: 1) música; 2) política; 3) jornalistas e personalidades dos meios de comunicação. Ou seja, além de grandes produtores do gênero, os jornalistas também aparecem entre personagens mais retratados.

9 Galvão cita como exemplos: *Olga* (1985) e *Chatô – O rei do Brasil* (1994), de Fernando Morais; *Morte no paraíso* (1981), *O baú de Abravanel* (1990) e *Vínculos do fogo* (1992), de Alberto Dines; *Chico Mendes – Crime e castigo* (2004) e *1968 – O ano que não terminou* (1988), de Zuenir Ventura; *Estação Carandiru* (1999), de Dráuzio Varella; *A infância dos mortos* (1977) e *Lúcio Flávio – Passageiro da agonia* (1977), de José Louzeiro; *O anjo pornográfico* (1992), *Estrela solitária* (1995), *Chega de saudade* (1990), *Ela é carioca* (2001), de Ruy Castro; *O desatino da rapaziada* (1992), Humberto Werneck, entre outros.

e da produção de artigos científicos, teses e dissertações. Tal produção é liderada amplamente pelo campo da História, das Letras e da Educação. Por que o protagonismo jornalístico da produção biográfica no Brasil não se reflete no campo comunicacional em estudos dedicados ao gênero?

Podemos dizer que os estudos da biografia no campo histórico centram-se na abordagem historiográfica, ancorada na *Nouvelle Histoire* francesa e na *micro-história* italiana, buscando privilegiar a singularidade e não a generalidade; o campo educacional ancora-se na perspectiva metodológica e na valorização das histórias de vidas; o campo literário ancora-se na narrativa autobiográfica, no lugar de fala e na análise dos gêneros discursivos e, por fim, que o campo comunicacional nutre-se tanto do campo histórico como do literário, no entanto, sem manter uma tradição de estudos críticos. Sequer há um único estudo de fôlego e de referência sobre o papel fundamental exercido pelos jornalistas ao longo de noventa anos de produção biográfica.

Este dado é confirmado por Procópio-Xavier (2012) em sua tese de doutorado. Ao analisar em sua pesquisa 30 anos de biografismo nacional, de 1981 a 2010, ela chegou às mesmas conclusões que identificamos em 2021, ou seja, que a grande maioria da produção biográfica nacional é realizada por jornalistas e, alguns casos, por historiadores, mas a área comunicacional carece de estudos sistemáticos. Segundo ela “o tema não costuma ser muito contemplado por pesquisas nacionais, (...) no âmbito das Ciências da Comunicação” (PROCÓPIO-XAVIER, 2012, p. 17). Passados dez anos desta constatação, a questão segue sem grandes problematizações.

Algo curioso ocorre no Brasil diferente de outros países. Enquanto na França, na Inglaterra, no México e nos Estados Unidos, os historiadores se dedicam a produzir tanto estudos

acadêmicos como biografias, no Brasil os jornalistas não se dedicam à produção de estudos críticos, preferindo a escrita de obras, e poucos são os historiadores que se empenham na escrita de vidas. O historiador José Murilo de Carvalho, em entrevista concedida ao *Diário do Nordeste*, em 2009, explicou o motivo: “Os historiadores brasileiros não se aventuram muito a escrever biografias. Olham de uma maneira meio atravessada. Como se o gênero não estivesse à altura deles. Sempre foram os jornalistas que exploraram o gênero biográfico. E com muito sucesso” (CARVALHO, 2009). Mas não só os historiadores deixam aos jornalistas a tarefa de escrever biografias. O levantamento de Procópio-Xavier (2012, p. 23) identificou que não havia “um número expressivo de produções biográficas feitas (...) por escritores e literatos”.

Como vemos, a biografia é uma prática e um saber que se encontra situados na fronteira entre história, literatura, jornalismo, educação, sociologia e antropologia, e que necessitam por isso englobar e abarcar vários campos, ciências, técnicas e artes diferentes. Estariam os jornalistas brasileiros melhor capacitados a operar com estratégias complexas e transdisciplinares do que os historiadores? Para que possamos avançar nos problemas acima colocados, necessitamos antes investigar o que estamos chamando de estratégias complexas e transdisciplinares.

## Biografia e complexidade

É certo que uma das características principais da biografia é a sua capacidade de contar histórias, neste sentido é que ela ocupa um lugar importante no campo comunicacional. A própria historiografia ocidental já compreendeu que a evolução da biografia parece condicionada à atenção que ela outorga ou não às trajetórias individuais, como a análise compreensiva

das vidas, dos grupos e do passado histórico. A atenção as narrativas pessoais seriam capazes de subsidiar de forma complexa e plural não só a historiografia como todas as ciências sociais e humanas, por representar um “observatório privilegiado” (DOSSE, 2015, p. 276) de estudo do sujeito. Mas de que sujeito estamos falando?

Em “A noção do sujeito”, Morin (1996b) observa que a pesquisa que se dedica ao estudo dos seres humanos deve ser encarada a partir de dois pontos de vista: um determinista (aspectos físicos, biológicos, sociológicos e culturais), e outro complexo, filosófico e metafísico (aspectos da psique, da liberdade, da vontade moral etc). Segundo Morin, foi Descartes quem conseguiu expressar à sua maneira esses “dois mundos do sujeito”, de um lado, o mundo dos objetos, científico, relacionado ao conhecimento objetivo; de outro, o mundo dos sujeitos, o intuitivo, o reflexivo etc. “Por um lado, a alma, o espírito, a sensibilidade, a filosofia, a literatura; por outro, as ciências, as técnicas, a matemática. Vivemos dentro desta oposição” (MORIN, 1996b, p. 46).

Ao levar em conta os mundos objetivos e subjetivos do ser humano, a pesquisa biográfica visa enraizar a noção de sujeito de maneira empírica. Assim, a biografia e a complexidade pensadas conjuntamente nos obrigam a associar noções antagônicas e complementares, o eu e o outro, o individual e o social, a exclusão e a inclusão, a identidade e a ipseidade<sup>10</sup>, por isso seria necessário ao pensamento biográfico ancorar-se não só no princípio da disjunção, da separação e da redução, mas também na rejunção, da complementariedade e da complexidade. Seria anacrônico a qualquer pensamento biográfico não incluir no sujeito analisado as suas ambivalências, incertezas e insuficiências. De igual modo seria anacrônico não

ponderar a inclusão dos aspectos emocionais ou relativos à alma (*psique*), ao corpo (*soma*), à mente e ao espírito (*pneuma*), que formam o *nous* (a consciência individual), assim como seria desinteressante não investigar o duplo do personagem, no sentido do alter-ego, suas sombras e seus sonhos.

Acreditamos por isso que não é possível fazer biografia a partir de um pensamento disciplinar e compartimentado. É preciso antes incluir a dimensão da comunicação e da intercomunicação na base da pesquisa biográfica para que esteja respaldada e nutrida do circuito recursivo, experiências dialógicas e hologramáticas, e por ser um campo de religação por excelência. Além disso, a pesquisa biográfica pode valer-se da pesquisa transdisciplinar pelo fato desta não se imiscuir do paradoxo e do jogo dialético, e dos princípios de inclusão e de exclusão na identidade do biografado. Segundo Morin (1996b, p. 50), é a percepção deste jogo dialético “o que efetivamente permite tornar complexo o problema da comunicação”.

O princípio da exclusão é o que nos diferencia do outro, o que diferencia uma singularidade de outra, aquilo que os linguística assinalam: “qualquer um pode dizer ‘eu’, mas ninguém pode dizê-lo por mim” (Idem). Esse princípio, contudo, é inseparável do outro, da inclusão, que faz com que possamos integrar na subjetividade pessoal, uma coletiva, um “nós”. Nesse sentido é que nossos ancestrais, nossos pais, fazem parte desse círculo de inclusão, fazem parte de nós e nós fazemos parte deles. Há, pois, um jogo, uma ambivalência e uma recursividade que experimentamos conforme as condições a respeito de nossos próximos, nossos parentes e das pessoas a que estamos ligados subjetivamente.

O método da complexidade indica (MORIN, 1996a; 1996b; 1998; 1999; 2002; 2005) que pensemos os sujeitos biografados sem dá-los por concluídos e terminados, mas a partir de suas

<sup>10</sup> Enquanto a identidade é uma marca regular e estável da pessoa, a ipseidade é a característica dinâmica e própria, o caráter único de um ser, que o difere dos demais.

incompletudes, baseando-se em articulações e conexões no sentido de tentarmos apreender o ser humano em sua multidimensionalidade. A finalidade do método seria a de ajudar o pesquisador a pensar por si mesmo para responder ao desafio da religação. A necessidade seria a de fazer comunicar os conhecimentos dispersos para desembocar num conhecimento do conhecimento; a necessidade seria a de superar alternativas e concepções mutilantes, com o objetivo da elaboração do método biográfico mais adequado a ser empregado na pesquisa e na escrita.

Assim como Morin pensou o sujeito, François Dosse (2015) entendeu a biografia como um terreno complexo de experimentação da noção de sujeito, necessário para a revisão constante do estatuto epistemológico, uma vez que a biografia exige o diálogo com muitas disciplinas. Neste sentido, ela pode ser entendida como conversação cultural e campo de investigação epistemológica. Dividindo o seu longo estudo “O desafio biográfico – escrever uma vida” em seis partes (“gênero impuro”, “idade heroica”, “biografia modal”, “idade hermenêutica 1”, “idade hermenêutica 2” e “biografia intelectual”), Dosse acredita que o crescimento da biografia em nossos dias deve-se, entre outros fatores, ao advento da “idade hermenêutica” das ciências humanas e sociais. Durante muito tempo, a biografia se limitou a transcrever o percurso linear dos homens ilustres, deixando de lado o homem comum. Com o advento da “idade hermenêutica”, contudo, a partir dos anos 1960, a multiplicidade interpretativa das ciências humanas e sociais possibilitou a expansão do campo biográfico, ao problematizar 1) a singularidade humana e 2) a pluralidade das identidades. Para avançarmos ainda mais no problema comunicacional relacionado ao biografismo, acreditamos ser necessário agora abordar alguns estudos do campo que dedicaram especial atenção ao tema.

## A “biografia comunicacional”

Em seu esforço por identificar “aproximações e intersecções” entre o biografismo e o jornalismo no Brasil, Karine Vieira (2015a, p. 12) percebeu igualmente limites, problemas e dificuldades entre o campo comunicacional e o biográfico, áreas que possuem, segundo ela, uma “histórica relação”:

No terreno das aproximações e intersecções entre o biográfico e o jornalismo (...) observo a referencialidade desses profissionais ao seu modo de trabalho da redação para a biografia. Mesmo operando em um outro formato, o trabalho de construção de narrativa busca suporte na formação jornalística. Contudo, as estratégias narrativas mais ousadas, de aproximação com a literatura, ou mesmo, em formatos mais lúdicos, não era algo natural do jornalismo, apesar da sua histórica interação. Cada vez mais o jornalismo tem retornado à narratividade para procurar o saber contar das notícias, na compreensão de um processo mais amplo e fluido de construção.

Em seu levantamento, Vieira catalogou jornalistas atuais que dão continuidade a essa “histórica relação” do jornalismo com a biografia, entre eles: Fernando Moraes, Guilherme Fiuza, Humberto Werneck, Juremir Machado da Silva, João Máximo, Josélia Aguiar, Lira Neto, Lucas Figueiredo, Luiz Fernando Vianna, Mário Magalhães, Paulo César de Araújo, Regina Zappa e Ruy Castro. Segundo ela, esses jornalistas desempenham importante papel no movimento de renovação do gênero no país e reforçam a ideia de que o biografismo é um “fenômeno do jornalismo brasileiro” contemporâneo. Para ela, o jornalismo teria se apropriado de tal forma do biografismo e vice-versa que as metodologias utilizadas são, em muitos casos, inseparáveis. Essa união ocorre temporalmente, segundo ela, primeiro entre 1930-60 e, depois, entre 1980-2015. Em seu trabalho ela conclui que está claro e evidente a presença históri-

ca e irrefutável do campo da Comunicação ao lado do biografismo e também estranha o fato de haver tão poucos estudos na área.

Karine Vieira (2011; 2015a; 2015b), Mariana Procópio-Xavier (2012) e Igor Sacramento (2012 e 2014) são alguns dos poucos estudiosos na área de comunicação que se dedicaram a produzir trabalhos de fôlego com aproximações e problematizações. Em sua tese de doutoramento sobre Dias Gomes, Sacramento trabalhou o conceito-método de “biografia comunicacional”. A partir de Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu e Raymond Williams, seu foco recaiu não sobre o indivíduo “mas sobre o circuito comunicativo das produções discursivas imbricadas num indivíduo” (SACRAMENTO, 2012, p. 34). Sendo assim, segundo ele:

O estudo biográfico não é realizado para demonstrar a sobredeterminação do individual sobre história (como protagonista dos acontecimentos) nem como uma sobredeterminação da história sobre indivíduo (como mero resultado da estrutura social). O objetivo passa a ser mostrar as múltiplas articulações entre o individual e o social que se deram na construção de uma figura pública. Nesse sentido, não importa somente o texto individual e nem exclusivamente o texto sobre o indivíduo, mas quem o escreveu, como o representou, a quem o endereçou e quem o leu (SACRAMENTO, 2012, p. 35).

A tese desenvolvida por Sacramento é a de que “é possível começar a analisar uma trajetória individual numa perspectiva comunicacional” (p. 36), que privilegia “a construção social da trajetória individual em espaços públicos”, ou seja:

(...) não significa fazer um estudo centrado na narração das ações do personagem biografado, mas as toma como o fio condutor da intriga, mostrando como outros fios engrossam o tecido de uma vida (os espaços e redes de sociabilidade, as leituras da realidade, a reelaboração pessoal, as representações do “eu” pelos outros, as imagens públicas, os códigos de conduta, o trabalho, a classe social, a etnia, o posicionamento

político, o campo de atuação e a formação cultural) e constituem as tramas comunicacionais que unem, distinguem e medeiam as relações entre os indivíduos na sociedade (SACRAMENTO, 2012, p. 40).

A proposta de Sacramento acerca do “circuito comunicativo” da biografia merece a nosso ver ser retomada e aprofundada, o que não foi feito pelo autor em trabalhos posteriores. A nosso ver, um problema do conceito-método de Sacramento está em qualificar de “comunicacional” a biografia, uma vez que toda biografia possui em seu escopo muitas interações, mediações e circuitos, sejam elas da intimidade (psique, afetos, vontades etc), sejam da extimidade (trabalhos, relações sociais, obras, repercussões etc). Neste sentido, toda biografia abriga um circuito comunicacional inerente e complexo, por ser, simultaneamente, endo-e-exo-relacional.

Entendemos que a problema do circuito comunicacional da biografia não está apenas na perspectiva dos “textos produzidos pelo indivíduo” (SACRAMENTO, 2014, p. 158), ou nos textos produzidos sobre ele e naqueles em que é possível “analisar uma trajetória individual numa perspectiva comunicacional” (Idem), como defende Sacramento. Esta visão, a nosso ver, é redutora e mutilante pelos seguintes motivos: 1) desconsidera a importância da pesquisa primária ao valorizar o campo da análise de discursos; 2) entende a perspectiva comunicacional como um campo histórico-linguístico por excelência; 3) parece não considerar as ponderações, injunções e críticas extratextuais; 4) não considera as entrevistas ou a dimensão da oralidade como as fontes interpretativas; 5) parece não considerar a singularidade própria da personagem passando a valorizar apenas as mediações; 6) diminui o papel do acaso, da desordem, da subjetividade e da mutabilidade inerente em cada trajetória e, por fim, 7) está fundamentada em autores que, com exceção



de Bourdieu, não se interessaram pela pesquisa biográfica.

A questão-problema colocada por Sacramento (2014, p. 154) de “como analisar uma trajetória individual do ponto de vista comunicacional?”, contudo, segue pertinente e atual. A ela podemos acrescentar uma outra: Como a questão biográfica é entendida e problematizada a partir do espaço midiático contemporâneo? Abordaremos essa questão específica no tópico a seguir.

## O espaço midiático

A tematização da vida e do eu em diferentes gêneros nos espaços midiáticos aponta para a formação do que Arfuch (2010) denominou de “espaço biográfico”:

(...) na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do show – talk show, reality show... No horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo registro, fez da vida – e, consequentemente da “própria” experiência – um núcleo essencial de tematização. (ARFUCH, 2010, p.15)

A observação da Arfuch induz a pensar que os estudiosos da comunicação parecem pouco atentos à multiplicação das manifestações biográficas nos espaços midiáticos, claro, com raras exceções como Sibilia (2004) e Herschmann e Pereira (2005). De acordo com Procópio-Xavier (2012, p. 56) esse espaço é marcado pela focalização do eu em registros variados e por diversas formas de relatos de vidas, narrativas de si e de autoapresentações públicas manifestadas em diferentes usos comunicacionais.

A constituição do espaço biográfico no espaço midiático está diretamente relacionada ao avanço das tecnologias da comunicação. Com as chamadas redes sociais, exacerbou-se a perspectiva do eu e de aparições por pos-

tagens de fotos, textos, comentários etc. A internet fez que com os usuários deixassem de ser “receptores” e se tornassem “produtores”, veiculando produções marcadas pela subjetividade. Viegas (2008, p.3) acentua que “o impacto da internet sobre o espaço biográfico se faz sentir na abertura à existência virtual, às invenções de si, aos jogos identitários, propícios à fantasia da autocriação e ao desenvolvimento de redes inusitadas de interlocução e sociabilidade”.

Essas manifestações biográficas ganharam forma de diferentes maneiras: perfis em redes sociais, entrevistas, vídeos e blogs. Para Arfuch (2010), as entrevistas funcionam como um espaço privilegiado para a observação da narração de si. Quando ela publicou seu livro, não havia ocorrido a proliferação do Instagram e do Facebook etc. Esses espaços reduziram sensivelmente a importância das entrevistas midiáticas, de talk show e reality show na exacerbação do “eu”. Com eles, o espaço biográfico ganhou muitos níveis de complexidade. Por meio desses perfis, os usuários descrevem seus gostos e opiniões, acontecimentos importantes e banais, prestam informações pessoais e profissionais, criam álbuns, inserem fotos, vídeos, músicas e outros arquivos. Procópio-Xavier (2012, p. 57-58) entende tais perfis como “mininarrativas biográficas contemporâneas”, em que o objetivo é o da autorrepresentação positiva de si.

De igual modo, Sibilia (2004) viu os perfis das redes sociais como um espaço pessoal que permite a narrativa do eu. Essa narrativa é constituída diante de um espaço público, que se torna também um espaço de vigilância. Ela ressalta que existe na contemporaneidade uma dinâmica cultural de valorização e de exposição da intimidade. Tal dinâmica almeja o reconhecimento e muitos estão engajados na busca incessante pela fama e por aparições públicas, em que as pessoas comuns projeta-

riam suas vidas seguindo o modelo de celebridades.

O talento, os atos heróicos e notórios, motivo das biografias anteriores foram banidos, substituídos agora pelos contextos de alta visibilidade, por volumes de cliques e aparições cotidianas nas redes. O que parece ganhar evidência é construção de personalidades a partir de uma “engenharia mediática” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2005), na qual estão justapostos uma avaliação meritocrática e um processo publicitário. Essas celebridades fornecem um “enquadramento retrospectivo e prospectivo ao ordenarem a vida articulando memória e aspirações”. Herschmann e Pereira (2005, p.11) ponderam que tal exposição da vida íntima permite a “sensação de que fazemos parte de uma grande coletividade, isto é, o material biográfico – ficcional e não ficcional –, de certa forma, alimenta e recria comunidades de fãs e consumidores”.

Essa tentativa de atribuição de sentido à vida a partir da visibilidade das redes está relacionada também aos imaginários circulantes na sociedade. Assim como Sibila, Procópio-Xavier (2012, p. 71) vê neste esforço de igualar-se às celebridades um “implacável sentido da efemeridade”. O tempo de vida de uma celebridade dura somente até a aparição da próxima celebridade ou a rolagem da página. A pesquisa biográfica na era do espaço midiático encontra assim um novo campo de estudo e novos problemas: como trabalhar biografias de celebridades efêmeras? Não é outra a conclusão da tese de Procópio-Xavier (2012, p. 270): “(...) é possível que essas narrativas biográficas produzidas na contemporaneidade em dispositivos midiáticos diferenciados estejam instaurando um novo paradigma biográfico”.

O acréscimo desse novo problema biográfico à comunicação não pode ser desconsiderado. Como as biografias futuras lidarão ou justificarão a não inclusão da pesquisa primária,

exaustiva, também em caixas de e-mails e redes sociais? Como recuperar informações do biografado a partir de caixas de mensagens ou de páginas que são com frequência deletadas?

## O problema narrativo

Outro problema comunicacional das biografias é quanto aos modelos das narrativas empregadas. Se o historiador emprega e valoriza a descrição e análise objetiva de fatos, o autor literário atenta ao valor artístico e retórico, o educador atenta ao valor formativo e sugestivo das ações dos indivíduos, o jornalista tende a dividir-se entre o uso objetivo dos dados e sentido estético.

Para Galvão (2005), o jornalista tende a incorporar técnicas ficcionais como o monólogo interior ou o retrocesso, ou ainda a reconstituição puramente imaginária de diálogos, o que torna indistintas as fronteiras entre os dois domínios. Essas narrativas não se transformam propriamente em ficção, mantendo antes uma voz neutra e objetiva, mais próxima do jornalismo. As narrativas biográficas buscam realizar uma reconstrução da vida de um personagem e nem sempre logram encontrar todos os elos coerentes entre acontecimentos e episódios vividos. Devido a isso, Mílada Bazant (2013) entende que o biógrafo enfrenta necessariamente problemas narrativos maiores do que o historiador, uma vez que este pode reconstruir o passado apenas baseando-se na documentação encontrada, sem se preocupar com elementos retóricos. Para ela, o biógrafo fica “desarmado se não acha uma sequência, ao menos entremeada, com a qual possa integrar a narração de forma coerente” (BAZANT, 2018, p. 66). Porém, segundo ela, existem certos vazios que podem ser preenchidos com outros tipos de relatos como os verossímeis.

Ainda que uma biografia não consiga utilizar a maioria das ferramentas narrativas dos

literatos como a invenção dos argumentos e os diálogos, podemos dizer que algumas técnicas presentes no campo literário podem servir para dinamizar a leitura, como o suspense, as quebras de sequência e pontos de virada, imagens e intrigas, sempre e quando permita a documentação. No que se refere às narrativas biográficas, de acordo com Schmidt (1997), as diferenças e semelhanças entre os campos da história e do jornalismo são de três tipos: 1) tratamento das fontes de pesquisa; 2) aspecto formal e estilístico e 3) emprego dos procedimentos e conteúdos ficcionais. Esses três aspectos são pensados a partir da interface que a história e o jornalismo estabelecem com a literatura. Os dois campos valem-se dos mesmos recursos literários na construção de suas narrativas. O que os diferencia é o modo pelo qual engendram tais recursos.

Como sabemos, a narrativa biográfica possui múltiplas formas e características, dentre as quais podemos citar: memórias, romance reportagem, discursos, elogios fúnebres, romance biográfico, autobiografia, relato, testemunho, perfil, retrato, currículos etc. Podemos dizer que em todos esses gêneros existe a tendência ao uso de uma estrutura narrativa específica para a reconstrução da história contada. Cada um desses gêneros (ou subgêneros) segue protocolos de referencialidade, oferece informações sobre a realidade interior e exterior ao texto, submete-se a prova de verificação e é marcado pelo parentesco à biografia. É devido a essa característica de semelhança que a maioria das biografias se encontram classificadas no gênero histórico ou jornalístico. Entendemos que é da natureza das narrativas biográficas serem constituídas simultaneamente de fatos e ficções, e é esta ambivalência entre ficção e factualidade o que produz em última instância o “efeito do real” que sentimos ao lê-las, conforme salienta Bruck (2008, p.56):

[...] essa natureza de *faction* (*fact + fiction*), deve ser vista como um ambiente privilegiado e de liberdade para o escritor: nutrindo uma, em geral, rica factualidade, sem estar estrangido pelas amarras das ciências humanas e sociais, ou da objetividade e estatutos deontológicos do jornalismo e dele se esperando um texto de efetivo deleite. Parece, no entanto, ser apenas possível compreendermos a literariedade dessas obras e, sobretudo, aceitar o passado como seu elemento referencial, se avançarmos para o conceito de *mundos possíveis*, uma categoria que quer ser mais abrangente que a de *mundos ficcionais*, na medida em que elas, como o próprio discurso histórico e jornalístico, não produzem realidades, mas sim o efeito do real.

Na narrativa biográfica os eventos relatados tendem a ser apresentados pelo biógrafo de maneira inteligível, como se tivessem ocorrido da forma como são descritos, como se fossem coerentes e organizados, tudo isso com o objetivo de garantir o sentido de unidade. É justamente essa tentativa de criação por parte do biógrafo aquilo que Pierre Bourdieu (1996) chamou de “ilusão biográfica”. A rigor, o biógrafo forja uma realidade mediante a narração e o leitor a compreende como fato verídico.

## O problema da imaginação

Mílada Bazant (2013; 2018) defende que o biógrafo deve utilizar a imaginação “com muito conhecimento histórico”, convertendo-a em peça chave narrativa. Ante o “relativamente pouco exercício da imaginação”, escreve ela, por parte dos historiadores, é necessário que os biógrafos sintam-se livres para recorrer à imaginação, como metodologia. Para ela, o ensino da imaginação deveria ser uma disciplina obrigatória nos estudos históricos (2018, p. 76) e na pesquisa biográfica. Porém, admite:

[...] a imaginación es peligrosa para el historiador pues él no puede saber que lo que imaginó es lo que verdaderamente aconteció, que esto no es producto de su imaginación en el sentido

que caracteriza al poeta o al escritor de ficción. La imaginación está subordinada a las reglas de la evidencia. Sin embargo, la imaginación del historiador desempeña la misma labor que la del poeta o la del escritor de ficción en la última fase de su labor, cuando compone una narrativa que representa su búsqueda de archivo (BAZANT, 2018, p. 78)

Por isso é necessário que na escrita biográfica a imaginação esteja sujeita às “regras de evidência” e de conjecturas críveis. Sobre estes aspectos ela cita um exemplo pessoal. Ao trabalhar na biografia de Laura Méndez de Cuenca (1853-1928), uma das primeiras feministas do México, ela se deparou com um problema. Ao consultar o arquivo municipal de Tlalmanalco, povoado onde viveu o pai de Laura, Ramón Méndez, durante a década de 1850 a 1860, ela encontrou muitos dados sobre a vida cotidiana do povoado e seus arredores, mas não achou nada sobre a ocupação do pai de Laura. Sabendo que Laura havia nascido e crescido na fazenda Tamariz, e que seu pai era muito amigo do dono da fazenda, a biógrafa deduziu que don Ramón não podia haver desempenhado outra função que a de administrador da propriedade. O fato dele ter sido posteriormente administrador de outra fazenda, o “rancho del Socorro”, corroborou em sua hipótese. Assim, a verossimilhança é uma dedução “com conhecimento histórico”, mas sem poder ser corroborada. É o que ela chama de “regras de evidência”.

Como se deve supor, a imaginação e a conjectura são recursos narrativos polêmicos entre historiadores, uma vez que a imaginação pode facilmente converter-se em invenção. De acordo com Dosse (2015), contudo, a biografia estará morta se não utilizar a ficção e a imaginação. Para Bazant, igualmente historiadora e biógrafa, ao interpretar “algo tão complexo como as emoções e os sentimentos do biografado”, é necessário recorrer a alguns recursos

literários que podem ser interpretados pelos leitores como ficção, embora em realidade não sejam. “O biógrafo-historiador ético e com sentido comum sabe perfeitamente quais são seus limites” (BAZANT, 2018, p. 79).

Outro problema concernente ao campo imaginário é o da utilização de mapas, álbuns, filmes e imagens diversas, como pinturas de paisagens ou fotos de locais onde viveu o biografado; locais por onde passou, pintores que admirou, filmes que viu ou mesmo retratos pessoais e de família. Esses entendimentos imaginativos-interpretativos podem levar quase que inevitavelmente à ficção, mas também são recursos que permitem ao biógrafo o desenvolvimento de uma sensibilidade visual específica em relação a seu biografado. Tais recursos levam o pesquisador a pensar espacialmente e a se instruir pela visualidade. Bazant recomenda ao biógrafo visitar os locais onde o biografado viveu e tentar imaginá-lo passeando ou caminhando entre os seus objetos, assim como, se possível, empreender as mesmas viagens, visitar os mesmos restaurantes e provar os mesmos pratos.

Esther Acevedo (2013) ao tentar reconstruir a biografia de Benito Juárez Maza (1852-1912), diplomata, político e governador de Oaxaca, para uma exposição mediante 350 fotografias cedidas pela família, percebeu que não tinha nada além de uma história fragmentada, não cronológica e com muitos períodos de obscuridade. No entanto, ela percebeu que, pelas imagens, poderia reconstituir uma época, visualizar um panorama, recuperar traços de vida de valor paradigmático, fabricando relatos a partir de uma matriz imagética. Acevedo teve de construir um método que lhe permitisse integrar as fotos com os documentos presentes no arquivo pessoal de Benito Juárez Maza. Pouco a pouco, ela foi identificando as figuras surgidas nas imagens: boêmios, políticos, poetas, advogados, impressores, funcionários

públicos, maçons, atrizes francesas etc. Cada um desses personagens foi reconfigurando o perfil biográfico de Benito Maza. As fotografias permitiam identificar sua opulência, seu estilo de vida, móveis, roupas e seu gosto por armas. O fato de algumas delas estarem dedicadas, permitia realizar novas conexões. Todos esses recursos servem para informar o biógrafo pelo imaginário.

## Considerações finais

A rigor, pouco sabemos sobre a produção biográfica no Brasil em sua relação com a comunicação. Debates sobre o uso do imaginário, os recursos narrativos, a baixa produção de biografias intelectuais ou os parâmetros teórico-metodológicos, são problemas ainda a serem investigados no campo. Em que pese o fato da comunicação e do biografismo terem muitos temas convergentes (limites entre realidade e ficção; verdade e mentira, documento e ficção, história e narrativa, ciência e arte), não existe ainda maiores problematizações. Sem dúvida, a comunicação é uma das áreas que pode oferecer grande contribuição reflexiva aos estudos biográficos no Brasil. Seus pontos de contato com outras áreas, sua complexidade metodológica, a proximidade com outros cursos e articulações narrativas, lhe propicia essa condição.

Pretendemos seguir trabalhando no elenco de problemas comunicacionais aqui pouco enfrentados como a noção de biografia comunicacional e a questão dos afetos, sentimentos, temporalidades narrativas e as questões de escalas espaciais (proximidades e distâncias). Acerca das questões metodológicas da complexidade, entendemos como uma emergência dos estudos biográficos aprofundar aquilo que Edgar Morin (2005) chamou de “humano do humano” em seu contexto multirreferencial e multidimensional. Sabemos que pensar a

questão biográfica relacionada ao pensamento complexo é em si uma proposta inédita e controversa.

Por fim, resta uma resposta da área de comunicação e dos estudos de jornalismo ao baixo interesse por atividades de cunho científico focadas no biografismo nacional, seja mediante estudos críticos pontuais (artigos, monografias, iniciações científicas) ou mediante pesquisas de fôlego (teses, dissertações, livros), no sentido de avançar compreensivamente nas questões e de superar o déficit de estudos existentes. Arriscamos, afinal, cinco respostas possíveis para este déficit: 1) o pouco prestígio das biografias no meio acadêmico; 2) a ausência de projetos e de linhas de pesquisa nos cursos de pós-graduações dedicados ao gênero; 3) a separação disciplinar entre os campos da História, do Jornalismo e da Literatura; 4) a complexidade temática e 5) a falta de perspectiva transdisciplinar em Comunicação para abordar objetos como a biografia.

## Referências:

- ACEVEDO, Esther. Las imágenes y los documentos en la construcción de una biografía: Benito Juárez Maza (1866-1874) In: Bazant, Mílada (org.) **Biografía: Métodos, metodologías y enfoques**. Zinacantepec, MEX: El Colegio Mexiquense A.C., 2013. P. 38-52.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico - Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BAZANT, Mílada. Retos para escribir una biografía, **Secuencia**, n. 100, enero-abril, pp. 53-84. 2018.
- BAZANT, Mílada (org.). **Biografía: Métodos, metodologías y enfoques**. Zinacantepec, MEX: El Colegio Mexiquense A.C., 2013.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: Amado, J.; Ferreira, M. de M. (Orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **A denúncia da ilusão bio-**

**gráfica e a crença na reposição do real:** o literário e o biográfico em Mário Cláudio e Ruy Castro. Belo Horizonte, PUC. Tese de doutorado, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. Paradoxos da Democracia. Entrevista publicada no Caderno 3 do **Diário do Nordeste**, em 10 de agosto (2009). Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/josafaslima/entrevista-jos-murilo-de-carvalho>>. Acesso em: 24/01/2022.

DOSSE, François. **O desafio biográfico – escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2015.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A voga do biografismo nativo. In: **Estudos Avançados**. vol.19. n.55. São Paulo Sept./Dec. 2005. p. 350-366. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300026&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300026&script=sci_arttext) Acesso em: 22 ago. 2023.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em Terreno Movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record., 2002.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto. **Mídia, memória e celebridades. Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-papers., 2005.

LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 9, agosto, p. 26-37., 2012.

MELO, José M de. A crônica: In: Castro, Gustavo de; Galeno, Alex. (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras., 2002.

MELO, José M de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis (RJ): Vozes., 1985.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria Alice de Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996a.

MORIN, Edgar. “A noção de sujeito”. In: Schnitman, Dora F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

MORIN, Edgar. **O método 4 – As ideias**. Trad. Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina., 1998.

MORIN, Edgar. **O método 3 – O conhecimento do conhecimento**. 2ª ed. Trad. Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina., 1999.

MORIN, Edgar. **O método 5 – A humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina., 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6 – A ética**. Trad. Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina., 2005.

OLIVEIRA, Maria da Glória. **Escrever vidas, narrar histórias. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana. R. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso). Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte., 2012.

VIEGAS, Ana Cláudia. O “Eu” como matéria de ficção – o espaço biográfico contemporâneo e as tecnologias digitais. In: **Revista Texto Digital**, ano 04, nº 02., 2008. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/14061>. Acesso em 02 de set. 2023

SACRAMENTO, Igor. A biografia como estudo das teorias da comunicação. **Matrizes** (Online), v. 8, p. 153-173., 2014.

SACRAMENTO, Igor. **Nos tempos de Dias Gomes: a trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais**. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ., 2012.

SIBILIA, Paula. O “eu” dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem?. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27. Porto Alegre. **Anais**. São Paulo: Intercom. CD-ROM, 2004.

SCHMIDT, B. B. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro n.19, 1997.

Tolentino, Thiago Lenine Tito. **Monumentos de tinta e papel: Cultura e política na produção biográfica da Coleção Brasileira (1935-1940)**. Dissertação (Me-

strado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

VIEIRA, Karine Moura. **O desafio de narrar uma vida – A crítica Genética no estudo da biografia como gênero jornalístico**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS., 2011.

VIEIRA, Karine Moura (2015a). Biografismo: um fenômeno do jornalismo brasileiro. XIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, XIII, 2015, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: SBPJor (Anais eletrônicos). Disponível em < <https://confer->

[ciencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4717/1044](https://ciencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4717/1044) > Acesso em: 10 janeiro de 2022.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber: A construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS., 2015b.

Recebido em: 08/09/2023

Revisado em: 30/11/2024

Aprovado em: 08/12/2024

Publicado em: 18/12/2024

**Gustavo de Castro** é Doutor em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP). Professor de Estética da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador do Grupo de pesquisa Biocom – Biografia, Poesia e Comunicação. E-mail: [Gustavo.castro@fac.unb.br](mailto:Gustavo.castro@fac.unb.br)